

“Como o currículo da educação de jovens e adultos articula o mundo do trabalho, a cidadania e elementos da vida do aluno adulto?”

Isabella Rodrigues Sebrão
Stefanie da Costa da Luz

RESUMO

Este artigo analisa como o currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) articula o mundo do trabalho, a cidadania e os elementos da vida do aluno adulto, a partir de uma pesquisa qualitativa realizada no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, no turno da noite. O estudo parte do reconhecimento da EJA como direito social garantido pela legislação educacional brasileira e problematiza o distanciamento entre o currículo prescrito nas diretrizes oficiais e o currículo efetivamente vivido pelos estudantes. O referencial teórico fundamenta-se na perspectiva crítico-dialógica de Paulo Freire, especialmente quanto à valorização dos saberes prévios e à defesa de uma educação como prática da liberdade, e dialoga com as reflexões de François Dubet sobre desigualdades escolares e a função social do diploma na reprodução ou mitigação das assimetrias sociais. Metodologicamente, o trabalho articula análise bibliográfica e documental com entrevistas exploratórias realizadas com uma estudante e uma professora da EJA, buscando compreender como o currículo se concretiza na prática e de que modo dialoga com trajetórias marcadas por trabalho precoce, interrupções escolares e responsabilidades familiares. Os resultados evidenciam forte engajamento dos alunos, valorização do diploma como possibilidade de mobilidade e fortalecimento da autoestima, bem como iniciativas docentes voltadas à adaptação curricular. Entretanto, identificam-se limitações estruturais, como tempo reduzido e dificuldades de integração com a educação profissional, que mantêm um hiato entre as diretrizes normativas e a experiência concreta dos educandos, apontando para a necessidade de práticas pedagógicas mais dialógicas e integradoras.



Palavras-chave: Educação de jovens e adultos, Currículo, Mundo do Trabalho, Desigualdades escolares, Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos apresentam experiências profissionais, sociais e culturais que vão além das lacunas de escolarização. Considerar esses saberes no processo educativo é fundamental para a construção de um currículo significativo. Diante disso, este artigo busca responder à seguinte questão: **como o currículo da EJA articula o mundo do trabalho, a cidadania e elementos da vida do aluno adulto?**

Em uma das literaturas examinadas, aponta que a Educação de Jovens e Adultos, enquanto política pública garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), constitui-se como um direito social direcionado a sujeitos que tiveram seus percursos escolares interrompidos ou negados em etapas anteriores da vida. Ao dispor, nos artigos 37 e 38, sobre a obrigatoriedade da oferta gratuita e o reconhecimento dos saberes construídos em contextos não formais, a legislação explicita o reconhecimento das especificidades do público da EJA e sinaliza a necessidade de um currículo que dialogue com as condições concretas de vida, de trabalho e com as experiências sociais dos educandos. Essa orientação converge com a perspectiva freireana apresentada no capítulo 3 de *Pedagogia do Oprimido*, ao defender que os conteúdos educativos devem emergir da realidade vivida pelos sujeitos, constituindo-se a partir de temas significativos de sua existência histórica e social.

Nessa direção, o Plano Nacional de Educação (2014–2024) reafirma a Educação de Jovens e Adultos como responsabilidade do Estado ao estabelecer metas e estratégias voltadas à elevação da escolaridade, à erradicação do analfabetismo e, de modo particular, à articulação da EJA com a Educação Profissional. As metas 8, 9 e 10 do PNE evidenciam a centralidade do mundo do trabalho na formulação das políticas públicas destinadas a jovens e adultos, ao mesmo tempo em que revelam os desafios persistentes para a efetivação dessas diretrizes, sobretudo em regiões historicamente marcadas por profundas desigualdades sociais, como o Nordeste. Tal cenário pode ser compreendido à luz da crítica freireana à educação que se limita à transmissão de conteúdos descolados da realidade concreta, reproduzindo relações de opressão ao invés de promover processos de conscientização.



Dados observados de órgãos oficiais, como MEC/INEP, IBGE e do Anuário Brasileiro da Educação Básica, evidenciam a diminuição radical das matrículas na EJA e a baixa incidência de ofertas integradas à Educação Profissional, permanecendo abaixo das metas estabelecidas pelo PNE. Esse quadro indica que, apesar da existência de um arcabouço legal consistente, sua materialização em políticas educacionais efetivas ainda enfrenta entraves de ordem estrutural, política e pedagógica. Em muitos contextos, a EJA continua sendo marcada por práticas compensatórias, fragmentadas e descontínuas, aproximando-se do que Freire denomina, no capítulo 3, de uma educação “antidialógica”, na medida em que pouco considera a participação ativa dos educandos na construção do conhecimento.

No que se refere ao perfil do público atendido, estudos de Di Pierro (2017) e Haddad (2017) indicam que os sujeitos da EJA pertencem majoritariamente a segmentos sociais historicamente excluídos do acesso a direitos básicos, entre eles a educação de qualidade. Suas trajetórias são frequentemente atravessadas por trabalho precoce, pobreza, reprovações recorrentes e evasão escolar, o que reforça a compreensão da EJA não apenas como uma modalidade de ensino, mas como um espaço de reparação histórica e de afirmação do direito à educação ao longo da vida. Essa leitura dialoga diretamente com a concepção freireana de educação como prática da liberdade, na qual os sujeitos oprimidos devem ser reconhecidos como protagonistas de sua própria formação, e não como recipientes passivos de conteúdos previamente definidos.

À luz dessas contribuições teóricas, históricas e legais, observa-se que o currículo da EJA ocupa um lugar estratégico na articulação entre mundo do trabalho, formação para a cidadania e vida cotidiana dos alunos adultos. No entanto, os dados e análises apresentados na literatura indicam um distanciamento significativo entre as orientações normativas e a experiência efetivamente vivida pelos educandos no cotidiano escolar. Esse hiato entre o currículo prescrito e o currículo vivido pode ser compreendido, à luz de Freire, como resultado da ausência de práticas pedagógicas dialógicas, capazes de transformar a realidade em objeto de reflexão crítica.

Dessa forma, além da análise documental e bibliográfica, este estudo recorre a entrevistas exploratórias com estudantes e/ou professores da Educação de Jovens e Adultos, para um documentário que será realizado por estudantes e bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), do curso de Ciências Sociais - Licenciatura, que participam do programa na escola Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, no turno da



noite. com o objetivo de compreender como o currículo se concretiza na prática e de que maneira dialoga — ou não — com as experiências de trabalho, participação cidadã e trajetórias de vida dos alunos adultos. Ao dar voz aos sujeitos da EJA, as entrevistas aproximam-se da proposta freireana de investigação temática, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos limites e das potencialidades do currículo no contexto concreto dessa modalidade de ensino.

METODOLOGIA

Anexando abaixo, a **primeira** entrevista realizada com uma **aluna** da EJA (Ensino de Jovens e Adultos), no turno da noite, da escola Instituto Estadual de Educação Assis Brasil:

Entrevistadora: Oi, boa noite, qual é o teu nome?

Entrevistada: Oi, boa noite, me chamo Franciele Pereira Furtado.

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Entrevistada: 30

Entrevistadora: Vou te fazer umas perguntas, tá? O que tu espera que mude no teu dia a dia quando tu pegar o teu diploma?

Entrevistada: Eu tô tentando ter outras oportunidades né, avançar no estudo, hoje é só um início.

Entrevistadora: Tu quereres fazer o que depois de finalizar o ensino médio?

Entrevistada: Um técnico.

Entrevistadora: Por que tu escolheu estar estudar à noite e não em outro turno?

Entrevistada: Porque eu trabalho autônoma assim, faço o bico e tenho dois filhos.

Entrevistadora: O que te motiva a vir à escola mesmo nos dias em que tu tá cansada?

Entrevistada: Os meus dois filhos.



Entrevistadora: O que tu tá achando das aulas e do ambiente escolar até agora?

Entrevistada: Bem tranquilo.

Entrevistadora: Qual é a etapa que tu tá?

Entrevistada: Na nona na que é o terceiro.

Entrevistadora: Já tá finalizando?

Entrevistada: Sim, estou.

Entrevistadora: O que mais mudou na tua rotina ou na tua forma de pensar desde que iniciou as aulas?

Entrevistada: Acredito que muita coisa. Muita coisa tava travada né, fazia 12 anos que eu tinha parado estudar, então muita coisa tava para trás e aí agora meio que tô me atualizando né. Hoje tu já vê uma mudança, sim, bem diferente, tu sente que tá aprendendo mais coisas que vão te ajudar fora da escola.

Entrevistadora: Tem algum exemplo que possa dar?

Entrevistada: Não vem na cabeça.

Entrevistadora: Tem algum professor ou algum colega que te marcou positivamente até agora?

Entrevistada: Sim, o Bruno incentiva da gente fazer Enem, da gente fazer a prova do IFSUL da gente continuar estudando e melhor" falando bem empolgado para ajudar a gente.

Entrevistadora: E quando tu olha para trás, qual foi a maior conquista que tu teve durante esse ano?

Entrevistada: Durante o ano, maior conquista, acho que é persistência e resiliência.



Entrevistadora: Se tu pudesse resumir a educação em uma palavra ou em uma frase qual seria?

Entrevistada: A educação geral do que eu tô vendo hoje ou em geral?

Entrevistadora: Educação no geral, o que a palavra educação significa para ti?

Entrevistada: Educação, educação acho que faz um pouco parte do teu caráter porque com ela tu consegue aprender a respeitar melhor as pessoas a ti mesmo.

Entrevistadora: Pensando no teu futuro, tu disse que quer fazer um curso técnico né. Curso técnico de quê?

Entrevistada: Administração.

Entrevistadora: Qual recado tu mandaria para ti no futuro, pro teu eu do futuro?

Entrevistada: Que valeu a pena! Foi bom não ter desistido, é isso.

Anexando abaixo, a **segunda** entrevista realizada com uma **professora** da EJA (Ensino de Jovens e Adultos), no turno da noite, da escola Instituto Estadual de Educação Assis Brasill:

Entrevistadora: Oi, boa noite, qual é o teu nome?

Entrevistada: Boa noite, eu sou a professora Isadora Matos, eu sou professora de língua portuguesa, literatura e no ensino médio também de artes integradas, três anos.

Entrevistadora: Tu dá aula em outras escolas?

Entrevistada: Sempre dei aula aqui até agosto desse ano (2025), quando fui nomeada em um concurso para o município de Arroio Grande.

Entrevistadora: O que te motivou a dar aula para a EJA?

Entrevistada: Inicialmente era para fechar minha carga horária, porque eu tenho um regime de



horário de aulas que fecharia quase todo pelo turno da manhã, que é o turno para o qual eu fui designada quando eu assinei meu contrato aqui no estado, mas precisava de um período fora do turno, e aí eu fui para uma etapa 9 da EJA.

Entrevistadora: Achas que existem diferenças entre os alunos do ensino médio para os da EJA?

Entrevistada: Ah, uma diferença bem grande, e é uma diferença assim que a gente percebe que o aluno do EJA, ele está ali, porque ele de fato quer estudar, às vezes o aluno chega cansado, vem do trabalho, agora está chegando o final do ano, eles ficam super preocupados, porque muitos deles trabalham no comércio, e aí vão chegar um pouquinho mais tarde e eles se preocupam em avisar. A principal diferença que eu vejo é essa, eles são de fato muito comprometidos com o estudo.

Entrevistadora: Quais são as principais dificuldades enfrentadas em sala, considerando a diversidade de idades e histórias?

Entrevistada: Às vezes acontece, e às vezes acontece principalmente um conflito de gerações, é muito comum que isso aconteça, mas em geral eu percebo que tanto o aluno que é um pouco mais velho e está ali, quanto o pessoal que é de 18 anos, teve a idade para passar para a EJA, para concluir mais rápido, eu percebo uma disposição de ambos os lados para uma boa convivência, até porque eles vão ficar um semestre inteiro juntos, e eles são bastante colaborativos entre eles.

Entrevistadora: Achas que o tempo destinado ao ensino da EJA, consegue educar de fato esses jovens e adultos?

Entrevistada: Esse é um dos principais desafios, porque a gente não tem o ano todo para trabalhar com eles, então precisa ser condensado, todo começo de semestre eu faço uma pergunta-chave para eles, principalmente quando o pessoal já está ali no adiantamento 8, no adiantamento 9, para saber se eles desejam fazer ENEM, se eles desejam fazer vestibular, e aí a gente foca em tópicos que são recorrentes nessas avaliações.

Entrevistadora: Há espaço na escola para debater essa pauta?

Entrevistada: Sim, inclusive nesse ano teve uma formação do NEC, e existia um espaço dentro da escola, num dia específico, eu nunca estava aqui, porque era um dia em que eu



estou em uma outra escola, mas a cada 15 dias havia um espaço de discussão justamente para alinhar pontos dessa formação, do Círculo de Cultura.

Entrevistadora: Como é esse vínculo entre professores e alunos?

Entrevistada: É um vínculo bastante forte, e é um vínculo muito bonito, eu lembro que no final do semestre passado, uma senhora, que era minha aluna, trouxe não só para mim, mas para todos os professores, um pão caseiro no final do semestre, ela é super querida, ela está fazendo o adiantamento 9, agora conosco, e eu vejo um vínculo bastante bonito, e é um vínculo que motiva o professor a continuar ensinando, se aprimorando, adaptando o currículo para eles, porque é quando a gente vê a ressonância do nosso trabalho.

Há alguns momentos eu tinha uma aluna que sempre chegava 20 minutos atrasada na aula, o que para um período é bastante, mas ela sempre me dizia, professora, eu vou chegar atrasada, mas eu vou fazer tudo no final, e eu disse, não, tudo bem, mas fica tranquila, e aí num dia de avaliação ela não conseguiu vir, ela estava apavorada, aí eu tive que conversar com ela depois, acalmar ela, e ela disse, não, tu és uma excelente aluna, tu vais conseguir fazer, vem na próxima aula, e deu tudo certo. E de ver assim, no olhar dela, o quão feliz ela ficou por ter conseguido fazer a avaliação e de fato, ter tido um aproveitamento excelente, para mim valeu o semestre. Me inspira a ser uma professora melhor por eles, e me emociona a força de vontade que eles têm, porque é como eu disse para vocês, muitos deles trabalham no comércio, que é um trabalho super exaustivo, é muito comum que eu encontre aqui à noite, os alunos que abandonaram na manhã, aquele aluno que vivia no pátio, aquele aluno que não vinha na escola, e aí a gente encontra eles em um outro contexto, e eles já estão muito diferentes, principalmente os meninos, muitos deles vão para a construção civil, que é um trabalho também super exaustivo, e eles chegam aqui, e aí eles de fato estudam.

Ontem eu ainda brinquei com um desses alunos, e disse, cara, quem te viu, quem te vê, né? Na manhã eu não te achava na escola, e eles disseram, não, professora, agora eu vou fazer tudo certinho, e de fato, ele está fazendo, isso é muito bom.

Entrevistadora: O que a palavra Educação e a Educação no geral representam pra ti?

Entrevistada: Ah, eu acho que ela representa muita coisa, além de representar a possibilidade de um trabalho melhor, de mais acessos dentro da própria sociedade, ela dá um estímulo de autoestima importantíssimo para essas pessoas. Poder dizer, não, eu tenho o nível médio completo para muitos deles, principalmente os que voltam para a escola depois de muitos



anos, é extremamente importante, é muito bonito ver o orgulho com que eles dizem, agora sim, eu tenho o ensino médio completo.

Entrevistadora: É isso aí, Prof^a. Muito obrigada pela entrevista.

Entrevistada: Obrigada, gente, eu que agradeço.

Embora a Educação de Jovens e Adultos seja amparada legalmente e reconhecida como um direito social, verifica-se um descompasso significativo entre o que está previsto nas diretrizes curriculares e a experiência real dos estudantes. Os relatos de alunos e professores da EJA indicam que, apesar do empenho e da motivação dos educandos, a modalidade enfrenta desafios estruturais e pedagógicos que dificultam a integração efetiva do currículo com o mundo do trabalho e com a vida cotidiana dos estudantes.

O depoimento de Franciele, aluna da EJA, evidencia que seu objetivo ao concluir o ensino médio vai além da simples aquisição de conteúdos: busca novas oportunidades, atualização pessoal e a possibilidade de cursar um técnico, conciliando os estudos com o trabalho autônomo e a responsabilidade de cuidar dos filhos. Já a professora Isadora ressalta tanto o comprometimento dos alunos quanto às limitações de tempo e da própria estrutura da EJA para atender à diversidade de trajetórias e necessidades de aprendizagem.

Esses relatos apontam para um hiato entre o currículo prescrito e o currículo efetivamente vivido, refletindo a crítica freireana sobre a educação tradicional como “antidialógica”, na medida em que ignora os saberes prévios, as experiências de vida e as demandas concretas dos educandos. Diante disso, a questão central deste estudo emerge: como elaborar um currículo da EJA que dialogue genuinamente com a realidade social, profissional e cultural dos estudantes, promovendo aprendizagem significativa, participação cidadã e desenvolvimento de competências para a vida adulta?



O desafio, portanto, vai além de garantir matrículas ou ampliar a oferta de vagas: é necessário construir práticas pedagógicas dialógicas e integradoras, capazes de transformar a escola em um espaço de protagonismo, emancipação e ressignificação do conhecimento, conforme defendido por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (capítulo 3). É neste contexto que a pesquisa procura compreender os limites e possibilidades do currículo da EJA, articulando os depoimentos de alunos e professores com a análise documental e teórica, em busca de caminhos para uma educação mais significativa e comprometida com a realidade dos jovens e adultos.

ANÁLISE DOS DADOS/ENTREVISTAS CITADAS ACIMA:

Dimensão	Indicadores	Evidências dos alunos	Evidências dos professores	Base legal/teórica
Legal/Política	<ul style="list-style-type: none"> - Garantia do direito à educação - Oferta gratuita - Reconhecimento de saberes prévios - Articulação com educação profissional 	<p>Franciele busca o diploma para novas oportunidades e atualização pessoal;</p> <p>demonstra que a matrícula na EJA permite conciliar estudo, trabalho e cuidado com os filhos.</p>	<p>A Professora Isadora reconhece que a EJA é uma modalidade que cumpre parte da LDBEN, mas enfrenta limitações de tempo e estrutura para atender a todos os objetivos previstos pelo PNE.</p>	<p>LDBEN nº 9.394/96 (arts. 37 e 38), PNE 2014–2024</p>
Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> - Currículo 	Franciele relata	Professora Isadora	Paulo Freire,





dialógico vs. mudanças na utiliza estratégias *Pedagogia*
antidialógico forma de pensar adaptadas, como *do Oprimido*,
e aprendizado perguntas-chave para cap. 3
- Valorização de aplicados à vida identificar interesses
saberes prévios cotidiana, dos alunos e
- Conexão entre mostrando fomentar
conteúdos valorização de participação;
escolares e sua experiência implementa
realidade prévia e elementos do
social/profissional objetivos Círculo de Cultura
pessoais. para promover o
diálogo.

Experiencial / Vivencial - Motivação e Franciele Professora Isadora Entrevistas
engajamento evidencia observa com alunos e
- Dificuldades engajamento e comprometimento professores;
estruturais resiliência, dos alunos, mas literatura
(tempo, apesar do destaca limitações sobre EJA
infraestrutura, trabalho do tempo e
recursos) autônomo e do necessidade de
cuidado com os condensar
- Conciliação filhos; conteúdos; relata
estudo-trabalho- menciona que o conflitos de gerações
vida estudo impacta e diversidade de
positivamente idades, superados
sua rotina e com colaboração.
autoestima.

Resultados / Impactos - Aprendizagem Franciele Professora Isadora Paulo Freire,
significativa percebe observa resultados *Pedagogia*
evolução em concretos: alunos que *do Oprimido*,
- Protagonismo e antes estavam





participação ativa - Transformação da realidade e desenvolvimento de competências conhecimento, resiliência, autoestima e perspectiva de futuras oportunidades (técnico, cursos), desmotivados passam a ter disciplina e comprometimento; vínculos fortes entre alunos e professores fortalece protagonismo e autoestima. cap. 3; estudos de Di Pierro (2017) e Haddad (2017)

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise das informações obtidas nas entrevistas com a aluna Franciele e a professora Isadora evidencia um **hiato entre o currículo prescrito e o currículo vivido** na Educação de Jovens e Adultos. Apesar de a legislação e o Plano Nacional de Educação estabelecerem diretrizes claras para a modalidade, os relatos demonstram que o currículo nem sempre consegue articular plenamente os saberes prévios dos alunos, suas experiências de trabalho e os aspectos concretos de suas vidas cotidianas. Essa lacuna reforça a necessidade de práticas pedagógicas que considerem a realidade histórica e social dos educandos, conforme preconiza a perspectiva freireana.

Sob a ótica de Paulo Freire, é possível perceber **elementos de uma educação dialógica** nas estratégias adotadas pela professora Isadora e na postura da aluna Franciele. Ambos os casos mostram a valorização da experiência de vida, a motivação pelo aprendizado e a busca por desenvolvimento pessoal e profissional. No entanto, limitações estruturais, como tempo reduzido de aula e falta de recursos, podem tornar a prática, em alguns momentos, **“antidialógica”**, pois restringem a plena participação dos educandos na construção do conhecimento.

Entre os **pontos fortes** identificados, destacam-se o alto engajamento dos estudantes, a motivação para concluir os estudos e a busca por novas oportunidades educacionais e profissionais. Além disso, nesse caso observa-se um vínculo sólido entre professores e alunos,



que contribui para o protagonismo e a autoestima dos educandos, bem como a adaptação de estratégias pedagógicas para atender às necessidades específicas de cada turma.

Por outro lado, **os desafios permanecem significativos**. Entre eles estão a limitação de tempo disponível para o ensino, a diversidade de experiências e idades dos alunos, a dificuldade de integrar o currículo da EJA com a Educação Profissional e a escassez de recursos e infraestrutura adequados. Esses obstáculos apontam para a necessidade de repensar práticas pedagógicas e políticas públicas que efetivamente promovam uma educação de jovens e adultos dialógica, significativa e alinhada às condições concretas de vida dos estudantes.

EJA, desigualdades escolares e a função social do diploma: um diálogo com François Dubet

Para aprofundar a compreensão da Educação de Jovens e Adultos, é pertinente estabelecer um diálogo com as reflexões de François Dubet acerca das desigualdades escolares antes e depois da escola. O autor argumenta que a escola não produz sozinha as desigualdades, mas recebe sujeitos que já estão inseridos em contextos sociais marcados por assimetrias econômicas, culturais e simbólicas. Nesse sentido, a desigualdade educacional não pode ser analisada de forma isolada, pois está articulada a processos sociais mais amplos.

Essa perspectiva contribui para compreender o perfil dos estudantes da EJA, cujas trajetórias são frequentemente atravessadas por trabalho precoce, interrupções prolongadas dos estudos, reprovações e dificuldades socioeconômicas. A modalidade, portanto, não atende a sujeitos que simplesmente “fracassaram” na escola regular, mas a indivíduos que vivenciaram desigualdades estruturais que impactam diretamente seus percursos escolares. A EJA configura-se, assim, como uma política de segunda oportunidade, atuando sobre desigualdades já constituídas, embora não disponha de condições suficientes para eliminá-las por completo.

Ao mesmo tempo, Dubet ressalta que a própria organização escolar pode contribuir para a reprodução dessas desigualdades, especialmente quando opera sob uma lógica meritocrática que desconsidera as diferentes condições de partida dos estudantes. Currículos padronizados, tempos reduzidos e avaliações centradas em exames externos podem reforçar desigualdades ao não contemplar plenamente as experiências e necessidades específicas do público adulto



trabalhador. No contexto da EJA, a condensação de conteúdos e o foco em certificações revelam tensões entre a proposta de valorização dos saberes prévios e as exigências institucionais do sistema educacional.

Outro aspecto fundamental abordado por Dubet refere-se à influência dos diplomas na organização social. O diploma não é apenas um documento que ateste conhecimentos; ele funciona como instrumento de classificação e hierarquização no mercado de trabalho. Para os estudantes da EJA, concluir o ensino médio representa mais do que cumprir uma etapa formal: significa reconhecimento social, fortalecimento da autoestima e possibilidade de ampliar horizontes profissionais. Entretanto, conforme aponta o autor, a ampliação do acesso aos diplomas não garante, por si só, mobilidade social efetiva, uma vez que as desigualdades estruturais persistem para além da escola.

Nesse sentido, a análise da EJA revela uma tensão constante entre inclusão educacional e permanência das desigualdades sociais. Ao articular as contribuições de Dubet com a perspectiva emancipatória de Paulo Freire, é possível compreender que, embora a educação tenha potencial transformador, ela atua dentro de limites estruturais que não podem ser ignorados. Assim, a democratização do acesso ao diploma constitui um passo fundamental, mas não suficiente, para a superação das desigualdades, exigindo políticas públicas mais amplas e práticas pedagógicas que reconheçam as condições concretas de vida dos estudantes da EJA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, conseguimos concluir que a análise documental, bibliográfica e as entrevistas com estudantes e professores da EJA do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil revelam um **descompasso entre o currículo prescrito e o vivido**, apesar da garantia legal e das metas do PNE. Embora haja engajamento dos alunos, vínculo afetivo com os professores e estratégias pedagógicas adaptadas à realidade de trabalho e vida, fatores como tempo reduzido de aula, diversidade de experiências e recursos limitados dificultam a integração plena do currículo com a vida cotidiana e a Educação Profissional, gerando práticas parcialmente “antidialógicas”, conforme Paulo Freire.

Os relatos evidenciam que, quando há aproximação entre ensino e experiência de vida, ocorre **aprendizagem significativa, fortalecimento da autoestima e incentivo à**



continuidade dos estudos, promovendo cidadania e preparação para o mundo do trabalho. No entanto, a construção de um currículo que dialogue efetivamente com a realidade social, profissional e cultural dos alunos ainda é um desafio, exigindo práticas pedagógicas dialógicas, formação docente voltada à diversidade e integração de saberes formais e experienciados.

Portanto, a EJA deve ser compreendida não apenas como modalidade de conclusão de ciclos escolares, mas como **espaço de reparação histórica, protagonismo e emancipação**, alinhado à educação freireana, capaz de promover aprendizagem significativa, inclusão social e desenvolvimento de competências para a vida adulta.

REFERÊNCIAS

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/17/a-educacao-de-jovens-e-adultos-no-brasil-e-o-contexto-social-dos-alunos-dessa-modalidade>

[Di PIERRO, Maria Clara. Educação de Jovens e Adultos no Brasil: questões face às políticas públicas recentes. Em Aberto, Brasília, ano 11, nº 56, out./dez. 2017](#)

[HADDAD, Sérgio. Educação de pessoas Jovens e Adultas. 30ª REUNIÃO DA ANPEd, 2017](#)

[Ensino Fundamental Proposta curricular - 1º segmento - MEC](#)

[Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Senado](#)

[Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de ...](#)

[As Desigualdades na Escolarização no Brasil](#)

[PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2014-2024 - proec@ufpr](#)

[Anuário Brasileiro da Educação Básica](#)

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/cr4ZVVQDwgYGpPXbgYCpWDC/?format=pdf&lang=pt>

